

APRESENTAÇÃO

Pesquisar em Análise do Discurso de linha francesa (AD) é uma tarefa complexa, na medida em que requer de seu pesquisador uma abordagem interdisciplinar que evoca, desde a origem dos estudos sobre discurso, uma articulação entre, pelo menos, três áreas do conhecimento: Linguística, Filosofia e Psicanálise. Em função dessa perspectiva interdisciplinar, a AD exige de seus estudiosos um vasto conhecimento da Linguística e um equilíbrio entre a reflexão sobre o funcionamento do discurso e a compreensão de fenômenos de outras ordens. Para além dessa interdisciplinaridade constitutiva, o analista do discurso deve lidar com uma disciplina, cujo aparato teórico-metodológico se aplica em diferentes *corpora*, que se materializam em diferentes textualidades. Decidir enveredar por esse caminho tornou-se, por conseguinte, uma grande contribuição social, teórica e acadêmica, pois nos impulsionou a um percurso de formação ímpar sedutora e apaixonante.

O tema proposto para este livro é a PARATOPIA. Aqui, visamos a agregar e a socializar pesquisas desenvolvidas em torno dessa categoria, seja na sua ampliação teórica, seja na sua aplicação, pois o próprio Maingueneau nos adverte que se trata de uma hipótese de pesquisa e, por isso, aberta a discussões e a questionamentos.

Embora possamos distinguir diferentes representações da paratopia, para Maingueneau, ela envolve, no mínimo, o pertencimento e o não pertencimento e a inclusão impossível numa *topia*. Assumindo a aparência daquele que está e não está, daquele que vai de lugar a lugar sem desejar fixar-se ou daquele que não encontra lugar, a paratopia afasta-se de um grupo ou de um momento, que são superficiais como a própria palavra o indicia, na medida em que pode ser reduzida a um paradoxo de ordem espacial. Nesse sentido, discursos tidos como paratópicos são aqueles que dão sentido à vida: o religioso, o científico, o filosófico e o literário, assim classificados por Maingueneau. Esses quatro tipos de discurso formam a categoria de discursos constituintes, isto é, aqueles que ocupam lugar privilegiado no universo discursivo. Eles explicam e dão sentido à existência humana sem precisar ir a outro discurso para se justificarem. Eles se justificam a si mesmos, pois se encontram na fronteira entre o que é social e o que está na dimensão do absoluto e cuja condição necessária de enunciação é a paratopia.

Maingueneau apresenta subdivisões possíveis para se pensar a paratopia, tais como: a paratopia de identidade, a espacial e a de tempo, entre outras, além daquelas categorias típicas, que nos ajudam a apreender os discursos constituintes como a cenografia, o código linguageiro e o *ethos* discursivo. Por causa da pouca discussão sobre essa categoria e, tendo em vista a necessidade de ampliação das reflexões já feitas por Maingueneau, entendemos que a paratopia ainda carece de estudos e aprofundamentos no âmbito da AD.

Dessa forma, o livro investe tanto nos traços que explicam a forma de organização do discurso, como a sua manifestação paratópica enquanto estratégia do dizer. Por isso, na produção de uma enunciação paratópica, é preciso definir-se em um espaço criativo, porque a condição paratópica se origina de um processo criador

do enunciador. Esse enunciador não é um enunciador comum, submetido às restrições de um quadro cênico; ele manifesta o próprio pertencimento ao enunciado, sem pertencer ao plano integralmente tópico.

Organizado em 10 capítulos, este livro dá sequência ao projeto de divulgação de pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa *Memória e Cultura na Língua Portuguesa Escrita no Brasil*, sob a liderança do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP. Devido ao alcance nacional e aos trabalhos em rede, o grupo acolhe, também, pesquisadores e pesquisadoras de outros centros de pesquisa, para refletirem acerca de questões discursivas e culturais. Assim, neste volume, reunimos pesquisas desenvolvidas em torno da categoria paratopia, seja na sua ampliação teórica, seja na sua aplicação analítica, no âmbito da AD, com base na perspectiva enunciativo-discursiva poposta por Maingueneau.

No primeiro capítulo, *Paratopia, autoralidade teológica e hiperenunciador*, Jarbas Vargas Nascimento realiza um estudo da paratopia, da autoralidade teológica e de sua complexa relação com o hiperenunciador, em uma interface entre os estudos de Maingueneau, Cossutta e Foucault sobre a autoria. O autor verifica que, no discurso teológico, o produtor constrói enunciados relacionados à sua situação real de vida no interior da comunidade discursiva de sua época, sem possibilidade de, na enunciação, atribuí-los a si. Além disso, há, nesse tipo de enunciação, uma instância hiperenunciadora, que se desloca de um espaço concreto de pertencimento para outro, sem se fixar, constituindo um movimento paradoxal. Desse modo, o ato criativo do discurso teológico pressupõe que o produtor não usufrua de um verdadeiro lugar que o legitime

como autor, nessa comunidade discursiva, aspecto fundamental que faz apontar a noção de hiperenunciador. Os resultados da pesquisa sinalizam que, o foco na categoria paratopia traz a problematização da especificidade da enunciação teológica para o campo dos debates sobre os discursos constituintes. A paratopia se vincula a um processo criador consciente, permite o acesso a um não lugar autoral e produz no escritor do texto teológico uma condição de ser e não ser o criador de seu próprio discurso. O investimento na função autoral de um sujeito na cenografia, no ethos discursivo e no código linguageiro realizado, nesse tipo de discurso, é um tema para a ampliação do debate sobre o discurso teológico como constituinte, da existência social da Teologia, além da rediscussão do mistério da inspiração bíblica, conforme proposto no campo teológico.

No segundo capítulo, *Paratopia e metaenunciação no discurso teológico*, Candido Ferreira de Souza Junior e Micheline Mattedi Tomazi refletem sobre o apagamento da identidade do produtor do discurso teológico para dar voz a uma instância superior, assumindo uma condição paratópica constitutiva. Os autores dialogam com Maingueneau e Authier-Révuz, considerando a metaenunciação como processo pelo qual o sujeito produtor esclarece aquilo que diz, construindo um texto sem a possibilidade de atribuí-lo totalmente a si próprio, problematizando essa sua condição de criador, para dar lugar a um metaenunciador, destituindo o enunciador do domínio de seu dizer. Os resultados da análise indiciam a paratopia como pertencimento e o não pertencimento, visto que o produtor do discurso constituinte teológico encontra-se em um lugar que não é o seu, de modo que os autores defendem que Lucas opera, no discurso, como aquele que o organiza e dá voz aos interlocutores, que interagem em cada cenografia, como ele próprio, como Jesus, como os líderes religiosos da época e como os representantes de grupos sociais. Além disso, o ethos discursivo que emerge se

legítima em uma cenografia que desloca um enunciador de cuja fala advém de outro lugar, que não é dele mesmo, mas de uma fonte hiperenunciativa legitimadora.

No terceiro capítulo, *Identidade, espaço e tempo: os limiares da paratopia no discurso filosófico*, Márcio Rogério Oliveira Cano e Reynaldo de Azevedo Gosmão discutem o discurso filosófico como discurso paratópico e as estratégias do dizer paratópico que dão condições para que ele seja, inclusive, considerado um dos discursos constituintes. Os autores utilizam a categoria de paratopia de identidade, espacial e temporal, cujo conceito está presente nas obras de Dominique Maingueneau, para compreender como o discurso filosófico se constitui e como se dá a reciprocidade entre as condições de produção do escritor e a emergência do autor. Tal relação mostra que a paratopia criativa é o motor da criação da obra e da existência paradoxal do filósofo, dado que é na posição insustentável consigo e com o mundo que o sujeito irá construir outros sentidos de lugar, espaço e tempo, deslocando-se do que é cotidiano.

No quarto capítulo, *A paratopia de criação no discurso literário “Vida e morte da onça-gente”, de Joel Rufino dos Santos*, Jonatas Eliakim investiga as relações paradoxais que o autor Joel Rufino dos Santos estabelece em seu discurso por meio de suas produções discursivas, caracterizando-as e observando como elas impulsionam o autor ao processo de criação. Os resultados das análises mostram que a posição paradoxal do autor impele-o às construções discursivas de maneira intrinsecamente ligada à formação da sua identidade social, aos seus deslocamentos geográficos, às contradições linguísticas vividas e pelas fronteiras entre os gêneros literários utilizados na sua atividade artística.

No quinto capítulo, “*O sol na cabeça*”: *a enunciação literária em espiral e as cenografias paratópicas no espaço discursivo êmico*, Izilda Maria Nardocci e Anderson Ferreira examinam o modo como se institui uma condição de paratopia espacial no discurso produzido por Geovani Martins. No estudo, identificam seu investimento nas estratégias enunciativas, no código linguageiro, que o inclui na chamada literatura marginal em função da narrativa realista e do uso de marcas linguísticas da oralidade. Evidenciam, dessa maneira, que as cenografias construídas na enunciação literária, porque situam o lugar paratópico, engendram uma impossível inclusão numa *topi.*, assinalando que essa impossível inclusão não ocorre apenas pelo desajuste de um sujeito a uma dada cultura, mas, no discurso literário analisado, ocorre pela estruturação das desigualdades sociais, políticas, jurídicas, econômicas, linguísticas, étnico-raciais e religiosas na sociedade brasileira, particularmente, na cidade do Rio de Janeiro.

No sexto capítulo, *É preciso falar sobre o lugar do dizer: a múltipla perspectiva (para)tópica*, Rosângela Carreira busca esclarecer como os lugares do existir e do dizer importam, porque estão intimamente relacionados aos sujeitos do dizer e à historicidade dos locais e dos processos de enunciação. Falar, nesse momento, sobre esses lugares é revelar e legitimar tais lugares. É, portanto, desfazer falsos discursos e compreender que há muito ainda a ser estudado, mas são esses movimentos, que revelam e desvelam as construções e os efeitos de sentido.

No sétimo capítulo, *A paratopia do estigma do discurso “Um homem chamado cavalo é meu nome”, de Stela do Patrocínio*, Ramon Chaves amplifica a noção de paratopia, conforme proposta por Maingueneau, introduzindo a *paratopia do estigma*. O autor verifica que o discurso que analisa se mostra produtivo em relação à noção de paratopia proposta por Maingueneau, pois as condições

sócio-históricas e culturais de produção do discurso revelam uma cisão entre os lugares e sujeitos empíricos e discursivos. Os resultados da análise explicitam uma ruptura entre o empírico e o enunciativo, que se mostra no enunciado pelos estigmas loucura e negritude do enunciador.

No oitavo capítulo, *Paratopia da escritora e reorientação de sua imagem: a condição da obscena Senhora H.*, Rafael Cosseti examina a *paratopia da escritora* e a reorientação da sua imagem na fronteira entre espaço canônico e espaço associado do discurso hilstiano. Os resultados da análise indicam que a gestão da paratopia da escritora busca elucidar o silêncio dos co-enunciadores, inclusive dos autorizados no campo literário. Na sobreposição dos espaços canônico e associado, um tom insurgente se agrega à imagem de autora, que decide viver longe da cidade, de forma não convencional. O efeito desse deslocamento é reforçado pela escolha da comichade, sintomática de um reposicionamento no campo literário e pela exploração de uma cenografia interpelativa segmentada, que sustenta um enfrentamento ao posicionamento conformista do co-enunciador do início da década de 1990.

O penúltimo capítulo, *A paratopia para além dos discursos constituintes*, Carlos Alberto Baptista e Victor Hugo da Silva Vasconcellos argumentam que há discursos, cujo processo enunciativo, em muito, se assemelham ou se igualam à enunciação paratópica, mesmo não se enquadrando entre os discursos constituintes propostos por Maingueneau. Com base nessa reflexão, os autores refletem acerca do desdobramento do conceito de paratopia e suas ressignificações na obra de Maingueneau; analisam a enunciação do discurso astrológico, aproximando-a ao conceito de paratopia; e discutem a topografia discursiva que opõe discursos tópicos aos paratópicos.

O último capítulo, *A paratopia, o niilismo e a metaficção em discursos literários da obra “Gastaria tudo com pizza”, de Pedro Duarte*, Ricardo Celestino problematiza a produção de enunciados reconhecidos como literários e sua paratopia. Para tanto, faz isso na relação da ideia de escritor com as práticas do campo literário da ficção científica brasileira. Análisa, assim, a emergência de personagens niilistas, que provocam um certo grau de semelhança familiar no co-enunciador, posto que estabelecem diálogos com as condições sócio-histórico culturais de vidas possíveis em um grande centro urbano. Os resultados apontam que a viagem no espaço-tempo, dessa maneira, torna-se uma alternativa de escapismo de uma rotina de angústias, de modo que se abrem possibilidades para a exploração de multiversos, múltiplas realidades e, conseqüentemente, a experienciar a existência em múltiplos planos ficcionais.

Nossa expectativa é que este livro sirva de estímulo para outras discussões, além daquelas que foram propostas e cuja pretensão é apenas colocar em foco a noção de paratopia e sua relevância para o estudo dos discursos constituintes. Embora não sejam conclusivas, as análises e as reflexões apresentadas em cada capítulo resultam dos esforços e do olhar investigativo dos pesquisadores para esse movimento de reflexão sobre a paratopia, categoria hipotetizada por Maingueneau. Desejando boa leitura a todas e todos, esperamos que esse livro contribua para sedimentar reflexões produtivas para futuras pesquisas no capô da discursividade.

Jarbas Vargas Nascimento
Márcio Rogério de Oliveira Cano
Jonatas Eliakim